

DESTAQUE EDITORIAL

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: um estudo analítico e bibliográfico

ROSE NEUBAUER DA SILVA E COLs.

São Paulo, Fundação Carlos Chagas/REDUC, 1991.

O que se fala e pensa sobre a formação do professor? Fala-se muito, a julgar pelo volume da produção (1960-1986) a respeito da preparação desse profissional, arrolada em publicação da REDUC/INEP (1987) que compila centenas de Resumos Analíticos em Educação (RAE) sobre o tema, em três volumes.

Dessa vasta produção, a REDUC — Rede Latino-Americana de Informação e Documentação em Educação solicitou à equipe da Fundação Carlos Chagas uma análise crítica daqueles RAE. A equipe, formada por Rose Neubauer da Silva, Yara L. Esposito, Maria das Mercês Sampaio e Jucirema Quinteiro, com a colaboração da bibliotecária Maria da Graça Vieira, fez mais do que isso.

Para começar, circunscreveu a análise aos resumos relativos apenas à formação da profissional que dá aulas para as quatro séries iniciais do "ensino fundamental, regular e comum". Distribuiu o total de 164 documentos minuciosamente em temas e categorias, analisando seu conteúdo e apresentando, ao final do primeiro capítulo, a relação dos RAE agrupados segundo essa classificação. Em seguida, selecionou um total de 38 documentos significativos dentre os mais abrangentes sobre cada tema, procedendo à análise aprofundada, não mais dos resumos, mas dos documentos originais, identificando as tendências teórico-pedagógicas que permeiam essa produção.

A equipe ainda se dispôs a atualizar o acervo que deu origem à análise: complementou o levantamento anterior e agregou documentos mais recentes, apresentando, na segunda parte da obra, o levantamento bibliográfico de cerca de 660 títulos sobre a formação do professor.

Os resultados finais são de duas ordens. Por um lado, professores e pesquisadores têm à mão uma visão panorâmica e uma listagem concreta dos documentos que pensam e falam a formação do professor, pratica-

mente um manual sobre a produção acadêmica brasileira a respeito.

Por outro lado, ao acompanhar a análise — centrada nas quatro questões norteadoras: quem forma o professor? como se forma? como é sua atuação profissional? e quem é esse professor? — o leitor é levado a um ponto de onde se descortinam tanto os avanços quanto as lacunas da investigação, advindas, em última instância, da "falta de compromisso político do Estado e da sociedade com a educação básica". O exame dessas lacunas leva a concordar com a conclusão das autoras, de que essa produção rarissimamente "incide sobre a figura mesma do professor. Na maior parte da literatura estudada, ele continua sendo alguém tratado de modo genérico e abstrato, não se levando em conta as circunstâncias reais que delimitam sua esfera de vida..." (p.143).

Com efeito: tão abstrato e genérico que nem a produção examinada, nem suas exímias analistas parecem ter se dado conta de que não é "dele", mas "dela", que estão tratando: da formação da professora. Esclareço: não é o sexo dessa profissional — quase 97% da categoria — mas a ideologia de gênero que a leva, e que ela leva, para a sala de aula que, a meu ver, carece de investigação e pode constituir uma pista importante para que se possa "avançar de forma concreta para além das indicações, sugestões, críticas e análises" reunidas nessa obra.

T.A.

ARQUITETURA ESCOLAR PAULISTA 1890-1920

MARIA ELIZABETH PEIRÃO CORRÊA E COLs.

São Paulo, FDE, 1991.

Não é só uma festa para os olhos, é uma onda de prazer, para a mente e para o coração, demorar-se em cada uma das mais de 150 páginas desta preciosa publicação. Memória e surpresa.

Memória. Das fotos ensolaradas dessas escolas do tempo de nossos avós emergem escadarias amplas onde quase se podem sentir a suavidade dos corrimões em madeira nobre encerados, a luz entrando pelas largas ja-

nelas em arco, os pisos ladrilhados, as paredes minuciosamente decoradas, tetos e portas trabalhados em belas madeiras, vitrôs — ah, os vitrôs: "nessas escolas [do Brás e de Santos] as galerias de circulação são ricamente ornamentadas, ostentando tapagens onduladas em vidro colorido, sustentadas nos vãos maiores por colunas de ferro, que se harmonizam..." (p. 85) ...com uma imagem de escola onde parece ter sido bom estudar. Essas construções erguidas no final do século passado e começo do nosso, projetadas expressamente para abrigarem escolas, são testemunho daquele otimismo ou entusiasmo pela educação que norteava as cambiantes políticas educacionais da época; é a valorização da própria educação que emana dos requintes arquitetônicos do exterior e interior — saudade de um tempo em que "o poder público empenhou-se efetivamente em levar a educação primária aos mais diversos pontos do estado".

Surpresa. É muito reconfortante saber que esses mais de cem prédios — quase todos integrando até hoje a rede escolar urbana pública do Estado de São Paulo — são reconhecidos como patrimônio merecedor de cuidados e da maior atenção. É bom ficar sabendo que vêm sendo estudados, suas plantas originais e os demais documentos a respeito constituindo um acervo preservado, seus autores lembrados. Mas, principalmente, o alívio e a alegria é saber — e ver — que estão sendo cuidadosamente recuperados, num trabalho paciente de pesquisa, projeto e obra com respeito aos projetos originais, com minúcia de detalhes, com carinho mesmo.

Ficamos, pois, com esse livro nas mãos, duplamente gratos: à equipe de profissionais responsáveis pela restauração dos edifícios, preservando a memória histórica de nossa arquitetura escolar; e aos responsáveis por essa publicação, feita com o mesmo cuidado e requinte com que se recuperam as próprias escolas. Os exemplares podem ser adquiridos diretamente do Centro de Documentação — CEDUC da Fundação para o Desenvolvimento da Educação — FDE: R. Rodolfo Miranda 636, Bom Retiro, CEP 01121, tel.: 228-1922 ramal 239, São Paulo, SP.

T.A.

